

## **CINELIBRAS: O CINEMA COMO DISPOSITIVO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Mayara B. Raugust<sup>1</sup>

### **RESUMO**

As problematizações feitas nesse texto inserem-se nas discussões contemporâneas sobre a centralidade da cultura e da linguagem na produção dos campos de ensino de Libras como segunda língua para ouvintes. O presente texto trata de uma entre tantas práticas inovadoras possíveis de serem usadas pelos docentes no ensino de línguas, o projeto CineLibras. A prática aqui trazida refere-se ao desenvolvimento Língua Brasileira de Sinais - Libras por alunos que já cursaram pelo menos uma disciplina de Libras durante sua graduação, por meio de filmes, documentários e vídeos apresentados em Libras ou que tratem em seu enredo sobre as Línguas de Sinais e a temática da surdez. Nesse sentido, são feitas sessões de cinema uma vez por semana, nas quais são passados filmes com a temática já especificada e após o filme há um tempo para debates e discussões sobre a língua e seus contextos. Esses encontros têm por objetivo oferecer uma alternativa para que os alunos possam manter contato com a Língua a fim de não esquecê-la, já que muitas vezes, após o encerramento da disciplina, acabam por não usá-la, esquecendo seus sinais e estruturas gramaticais. A fim de proporcionar aos alunos que irão assistir aos filmes um contato com a Libras, essa prática objetiva também levantar discussões sobre os temas abordados nos vídeos, oportunizando-se um momento de troca de experiências e conseqüentemente de produção de diálogos e conversação em Libras. O projeto encontra-se em desenvolvimento e espera-se que, ao final das sessões e discussões em Libras, os participantes tenham ampliado seu vocabulário em Libras, assim como, estejam fluentes na elaboração de diálogos e conversação na Língua, mostrando uma construção linguística que atenda a gramática da Libras.

**Palavras-chave:** Cinema. Ensino de libras. Processos de ensino-aprendizagem.

### **1 INTRODUÇÃO**

Uma pesquisa está constantemente atravessada pelas memórias do pesquisador, caracterizando assim, a produção de conhecimentos, ideias, sentimentos e conceitos, dando margem a um estudo o qual possibilite constituir interesses da pesquisa. Esses interesses de

---

<sup>1</sup> Professora Mestre – UFPel.

pesquisa não dão conta de desvendar uma verdade para determinar ou definir algo ou alguém, mas caracterizam-se por várias verdades, várias problematizações. O presente projeto parte de algumas problematizações que os professores de Libras, principalmente da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, vêm colocando em movimento a respeito das disciplinas de Libras ofertadas aos cursos de graduação.

O que acontece na maioria das vezes é que, após o término da disciplina de Libras os alunos acabam por esquecer os conteúdos e a língua aprendida, principalmente, por após esse período não usarem mais a língua. Como muitos dos alunos não têm contato frequente com os sujeitos surdos, conseqüentemente, como qualquer língua sem uso, a Libras acaba sendo esquecida. E mais, muitos desses alunos quando se forma vão atuar em escolas e locais que atualmente já têm incorporado em seu contexto sujeitos surdos, e por não terem exercitado a Libras, não conseguem mais se comunicar com os mesmos.

Pensando nessas questões e objetivando uma transformação da atual realidade acadêmica, o projeto CineLibras surge com o intuito de oferecer uma alternativa para que os alunos que já cursaram alguma disciplina de Libras possam manter contato com a Língua. A fim de proporcionar essa e outras experiências, o projeto objetiva também levantar discussões sobre os temas abordados nos vídeos, oportunizando-se um momento de trocas entre os participantes e conseqüentemente de produção de diálogos e conversação em Libras.

É nesse sentido que o projeto tem buscado possibilidades de constituir uma experiência de fato significativa nos participantes, a ponto de que os mesmos sejam levados a um interesse cada vez maior pela língua e constante busca em exercitá-la a fim de torná-la, assim como outras línguas, parte de seu currículo e de seu contexto diário. A intenção não é a busca por uma resposta sobre o ensino e prática de Libras, mas fazer o movimento de problematizar, trazer possibilidades sobre os mesmos, possibilidades que nesse momento nos levam a reflexões sobre a prática de Libras, e tudo o que está associado a ela.

A Libras, Língua Brasileira de Sinais é uma língua de característica visual-motora, onde a produção de significados se dá pelo conjunto de movimentos no espaço, movimentos com tronco, braços e mãos e pelas expressões faciais e corporais. Essa língua tem sido legitimada

principalmente pela comunidade surda, que com suas lutas e movimentos tem conquistado seus direitos. Um deles foi o reconhecimento da Libras em 2002, através da Lei 10.436, de 24 de Abril, como meio legal de comunicação e expressão, e posteriormente sua regulamentação através do Decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005. Além desse reconhecimento da Libras como língua pela lei de 2002, o Decreto 5.626 surge com o intuito de regularizá-la. Dessa forma, ele contribui para o apoio à educação de surdos, desde a formação de professores e instrutores de Libras, até a inclusão da disciplina de Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores.

Essa legitimação da Libras se dá por meio dos diversos discursos, entre eles, o discurso cultural, o linguístico, o político, o legal, etc., que operam nos diversos contextos sociais. O discurso é entendido nesta pesquisa, por meio dos Estudos Culturais, como um conjunto de enunciados constituídos através da linguagem. Esta constrói significados, verdades, produz por meio dos discursos, a realidade. Como afirma Fischer,

[...] os discursos são históricos, não só porque se constroem num certo tempo e lugar, mas porque têm uma positividade concreta, investem-se em práticas, em instituições, em um número infindável de técnicas e procedimentos que, em última análise, agem nos grupos sociais, nos indivíduos, sobretudo nos corpos. (2007, p. 55).

O discurso como produção de saberes, de conhecimentos é constituído mediante a linguagem, produtora de significados sobre todas as instâncias sociais. Essa linguagem "*manipula um sistema de representações, ou seja, utiliza signos e símbolos para representar conceitos, ideias ou sentimentos*" (LAZZARIN, 2009, p.2). Esses signos e símbolos podem ser palavras, imagens, textos. Dessa forma, a realidade é constituída, as coisas são legitimadas, ou seja, pelo viés dos Estudos Culturais<sup>2</sup>, a linguagem por meio das práticas sociais - por meio dos discursos - produz a realidade enquanto a nomeia.

O próprio termo "discurso" refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (HALL, 1997, p. 10).

<sup>2</sup> Os Estudos Culturais podem ser entendidos como um campo não homogêneo que analisa as produções culturais de determinadas culturas, assim como suas práticas (PINHEIRO, 2012).

Isso quer dizer que, em cada discurso há a constituição de um objeto enquanto este é nomeado. Ele, o objeto, não está lá esperando para ser desvelado, mas ele é produzido enquanto o discurso é produzido. Trazendo esses conceitos para o projeto em questão, o discurso produzido pela comunidade surda, o discurso produzido pelas Leis relacionadas ao ensino de Libras, e pela comunidade acadêmica constituem-se como verdades para as Instituições de Ensino Superior, e principalmente para os cursos de licenciatura.

Podemos perceber que as práticas de ensino da Libras, os planos de ensino ou ementas, as legislações, são produtos de uma prática discursiva que as constitui enquanto as nomeia. Não há então uma prática de ensino de Libras, ou um currículo esperando para ser descoberto, mas há abordagens que as produzem (sejam elas, políticas, legislativas, pedagógicas, teóricas e/ou práticas). Uma dessas abordagens tem sido o projeto CineLibras, que busca através de filmes que tratam da temática da surdez e da Língua de Sinais, um aprofundamento teórico e prático aos participantes, assim como o exercício de comunicação em Libras, a fim de uma apropriação cada vez maior dela.

O Decreto 5.625 fala da obrigatoriedade da disciplina de Libras, mas não prevê em sua Lei, a forma como ela deve ser ensinada, possibilitando as Instituições de Ensino certa liberdade no momento de estruturação da disciplina. Como a disciplina de Libras é ofertada, na maioria das vezes, como disciplina básica muitos alunos se matriculam, participam da disciplina, mas após seu término não conseguem exercitar a língua. Isso, porque os alunos interessados na aprendizagem da língua e no posterior aprofundamento da mesma não conseguem seguir desenvolvendo-a após a disciplina de Libras por não ter contato com os falantes da mesma e nem cursos de aprofundamento.

Pensando nas questões apresentadas acima, passa-se a questionar, a levantar algumas questões, as quais potencializaram o desenvolvimento deste projeto. Dentre elas: os alunos conseguem desenvolver de fato uma língua em apenas um semestre? Após a disciplina de Libras, caso algum aluno queira se aprofundar na língua, como conseguirá se são raros os cursos de Libras ofertados pela comunidade? Como a apropriação da língua assim como seu vocabulário e

conversaço são adquiridos na prática, esses alunos conseguirão desenvolver a língua se não conhecem os falantes da própria língua para exercitarem?

Essas e outras questões foram fundamentais na elaboraçã desse projeto que tem como objetivo problematizar o ensino de Libras para os alunos de graduaçã das Instituições de Ensino Superior, mas mais que isso, possibilitar experiências com a Libras, com o contexto da surdez e com os falantes da língua em questã. Para isso, surge o projeto CineLibras, que é um projeto com sessões de filmes que tratam da temática da surdez e da língua de sinais, e que mais que uma sessã de filmes, busca desenvolver com os alunos conversas em Libras sobre os assuntos abordados nos filmes. Assim, não se está somente trabalhando com a língua em si, mas com todo o contexto que engloba essa língua, tratando de assuntos como: cultura surda, identidade, comunidade, aspectos linguísticos da Libras, etc.

## **2 ALGUNS CONCEITOS DELINEADORES DO PROJETO: DISPOSITIVO, CULTURA E CULTURA SURDA NA PERSPECTIVA DO CINELIBRAS**

A Libras é considerada uma língua e como tal, está em constante análise, principalmente no que diz respeito aos estudos linguísticos como Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica e Pragmática. Além disso, os sinais estudados e identificados seguem regras gramaticais, que ajudam a estruturar a língua para uma comunicaçã eficiente. Por exemplo, um sinal já identificado precisa atender a uma locaçã e uma configuraçã de mão de acordo com as normas da língua, para estabelecer a comunicaçã entre os falantes da mesma. Ferreira-Brito (2010) mostra em sua pesquisa, que existe diferença entre modalidade oral-auditiva e visuo-espacial, pois esta - a Libras - é articulada no espaço e percebida visualmente.

Para refletir um pouco sobre esta questã, pensemos sobre os falantes nativos da língua oral. Eles começam a aprender a falar, descobrindo palavras, significados e, assim, vão internalizando as regras da língua, no convívio com outros ouvintes. Da mesma forma ocorre na Libras, quando o surdo em contato com um sinalizante da língua apropria-se da sua estrutura gramatical, percebendo que uma configuraçã de mão, uma orientaçã, e uma locaçã juntas, formam o sinal. E através da aquisiçã dessa língua, o surdo pode partilhar experiências, transmitir

emoções, desenvolver conhecimentos e compartilhar informações na comunidade surda, constituindo assim sua cultura.

O estudo da cultura, identidades e diferenças são marcas dos Estudos Surdos e estão centrados, principalmente, no exercício da língua de sinais. Os Estudos Surdos se articulam com os Estudos Culturais e têm mostrado as diferenças existentes entre os sujeitos de uma mesma comunidade, que têm suas características próprias, tem gostos e vontades que marcam o jeito de cada um de ser, de pensar e de desejar, a partir de diferentes gêneros, raças, etnias que contribuem para formação da sociedade. Na perspectiva de Estudos Culturais, o campo da pesquisa sobre as diversidades, as identidades e as culturas diferentes, consiste nas questões relativas à forma como um indivíduo percebe-se dentro de uma cultura, e a forma como se relaciona com essas diferenças, culturas e identidades.

O termo *cultura* admite muitos conceitos, dependendo do que cada um entende como cultura. Cultura, aqui, é entendida com produtora de significados que a legitimam, constituindo identidades; também, nas suas relações de poder/saber, ela é produzida discursivamente, constituindo verdades a respeito dos sujeitos que dela participam. Como afirma Hall (1997, p. 2), "*a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à organização da sociedade moderna tardia*", o que a torna cada vez mais central na constituição dos modos de ser do sujeito. Ela vem se fazendo presente em todos os aspectos da vida social dos sujeitos. Veiga-Neto (2000, p. 40) diz que "*a cultura está imbricada indissolúvelmente com relações de poder, deriva dessas relações de poder a significação que é relevante para cada grupo*".

A cultura então é mais do que gostos, ritos e crenças. Ela é constituída num emaranhado discursivo, o qual, mediante a linguagem, significa e produz sujeitos por meio das relações de poder/saber. Esse emaranhado discursivo "*toma sentido de verdade em uma constante disputa pela significação*" (PINHEIRO, 2012 p. 14), em que "*o outro é inventado, constituído e, portanto, significado*" (Idem, p. 14). Nesse processo de significação, a linguagem adquire importância e a cultura também, pois "*estamos sempre e irremediavelmente mergulhados na linguagem e numa cultura, de modo que aquilo que dizemos sobre elas não está jamais isento delas mesmas*" (VEIGA-NETO, 2003, p. 14).

Essa centralidade da linguagem dá-se em função de ela não mais assumir o papel de comunicadora, de informação, mas ela é configurada como produção assim como a cultura também não assume mais um conceito fixo e fechado, mas é constituída discursivamente, por isso sua estreita relação com a linguagem. A cultura então, atrelada à linguagem produz identidades num contexto variado de significados, *“esses produzidos e articulados em um jogo de poder/saber”* (PEINHEIRO, 2012, p. 22).

Também no interior das culturas ocorrem mudanças de significados, evidenciando que ali há vários significados em jogo, cada um buscando legitimar-se e impor-se em relação aos outros. Esses significados, ao exercerem um poder, legitimam comportamentos, modos de agir e ser; moldam e transformam sujeitos e grupos sociais. A cultura não está somente relacionada a um lugar, território ou singularidade linguística; ela é mais do que essa concepção simplista, sendo constituída e constituindo através de relações e processos de significação, e os sujeitos que dela participam partilham um processo social e histórico.

Nos últimos anos, alguns surdos têm se movimentado e lutado pelo reconhecimento de uma cultura surda, afirmando que esta é fator fundamental para sua constituição como sujeitos. Tratando-se esse texto de explanar a respeito do projeto CinELibras, a todo o momento tem a intenção de não cair em essencialismos e fixidez de conceitos, e por isso, torna-se um tanto arriscado definir um conceito para cultura surda. É como nos afirma Gomes *“a cultura surda constitui-se como uma recorrência discursiva em diferentes espaços e vem sendo tão frequente que este tema tem sido naturalizado ao invés de problematizado, a ponto de, em alguns momentos, engessar-se e produzir uma escrita fixa sobre o sujeito”* (2011, p. 26).

O discurso mais recorrente entre os surdos e vários pesquisadores da área da educação de surdos é que a cultura surda *“se justifica através de um purismo cultural e se apropria de enunciados discursivos como estratégia política, funcionando como um conceito fechado e fixo engendrando práticas pedagógicas, constituindo e significando o ser surdo”* (GOMES, 2011, p. 12-13). O termo *cultura surda* emerge como força discursiva nos mais diferentes lugares, e os discursos sobre ela se constituem por meio do saber dos sujeitos surdos, saberes produzidos pelos próprios

surdos. Esses saberes são constituídos e legitimados, tomando um status de verdade no cotidiano dos sujeitos.

Há vários discursos a respeito da cultura surda, entre eles: que a cultura surda sempre existiu, como uma essência do sujeito; que o surdo ao descobrir a cultura surda em si, encontra seu "verdadeiro eu", como um fator biológico do sujeito, etc. Esses discursos constituem-se como saberes, os quais são postos em movimento cotidianamente, sendo constantemente (re)negociados. Esses saberes sobre a cultura surda promovem a subjetivação de muitos surdos por meio dos discursos produzidos e legitimados sobre essa cultura, moldando as formas de constituir o sujeito. Os modos de vida dos sujeitos surdos de diferentes localidades são diferentes, pois decorrem dos entrecruzamentos culturais.

O que se busca questionar aqui é que não é somente um discurso, ou um entendimento que constitui a cultura surda, pois, se assim fosse, estaríamos minimizando e fechando esse conceito tão amplo e rico. Por isso, não é somente um território geográfico, ou uma língua, ou uma essência o que constitui a cultura surda. Ela é algo que se constitui nos processos de significação, e *"não são os sujeitos surdos que carregam a cultura surda, são os discursos que produzem tais representações, ou seja, existem tantas realidades quantas nosso discurso pode inventar"* (PINHEIRO, 2012, p. 61).

O conceito de cultura surda então, é produto e produtor de novos pensamentos, saberes, ações, possibilidades. É produzido discursivamente, não se caracterizando por ser algo já constituído que necessita ser descoberto, desvelado, mas que se produz no interior das práticas discursivas. Assim, a cultura surda *"constitui os surdos como um grupo cultural, capaz de produzir significados a partir de suas experiências compartilhadas"* (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 18). Com isso, não há intenção aqui de criar uma percepção superficial de cultura, mas problematizá-la no cenário atual, no qual as verdades e sentidos que a constituem estão se deslocando para uma nova configuração a fim de legitimar-se.

O intuito de trazer a problemática do conceito de cultura surda é poder agregar outros conceitos pertinentes que estão a todo o momento em movimento no projeto, juntamente ao de cultura surda. Não há como estancar um conceito único para cultura surda aqui, pois no decorrer das sessões de filmes, vários discursos vão sendo produzidos a respeito dela, tanto por linguagem



audiovisuais, quanto por linguagens interpostas pelos convidados do projeto, que na sua maioria, são surdos. Esses diferentes conceitos de cultura surda vêm se constituindo e se legitimando há bastante tempo pela comunidade surda, de diferentes maneiras e em diferentes lugares, e se apropriando de determinadas práticas, entendidas como práticas culturais surdas. Essas práticas são constituídas nas relações de poder/saber, instituindo novas formas de técnicas, de estratégias de negociação e de controle da cultura surda.

Entre essas técnicas e estratégias de negociação da cultura surda, o projeto destaca o dispositivo pedagógico do cinema. O termo *dispositivo* admite também vários conceitos, mas aqui é proposto a partir da concepção foucaultiana<sup>3</sup>. O conceito de dispositivo é constituído por Foucault como

Uma rede tecida por um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, formas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas; a natureza da relação que pode existir entre esse conjunto de elementos heterogêneos; o tipo de formação resultante da relação entre esses elementos, em um determinado momento histórico (1999, p. 20).

Para Foucault, o dispositivo é uma relação entre o enunciável e o visível, entre as palavras e as coisas, entre as formas discursivas e não discursivas. Ele se estabelece como um conjunto de práticas e ferramentas, estratégias linguísticas, não linguísticas, jurídicas e técnicas que se relacionam ao mesmo tempo com o objetivo de produzir efeito sobre algo/alguém. Ele se configura como uma "máquina que governa" por meio de suas práticas e ferramentas, possuindo em si uma relação de forças, uma produção de saberes, estando saber e poder relacionados. O dispositivo está sempre nessas relações de poder e nos inscritos do saber.

O dispositivo também é compreendido como um conjunto de práticas, saberes e instituições que buscam produzir, cuidar, controlar as relações do sujeito consigo mesmo e suas ações. Da mesma forma, ele *"nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de*

---

<sup>3</sup> Foucault diz que, em primeiro lugar, o dispositivo é um *"conjunto decididamente heterogêneo"*, englobando vários elementos discursivos e não-discursivos; em segundo lugar, o dispositivo estabelece entre os elementos que o constituem *"um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções"*, estando o dispositivo apoiado a outros dispositivos; e, em terceiro lugar, ele é *"como um tipo de formação que em um determinado momentos histórico teve como função principal responder a uma urgência"* (FOUCAULT, 1979, p. 138).

*governo sem nenhum fundamento no ser*" (AGAMBEN, 2010, p. 38), implicando subjetivação, produção de si mesmo.

O dispositivo apresentado por Foucault (1999) é um conceito multilinear e possui três dimensões ou níveis: saber, poder e subjetivação. Ele torna evidentes os elementos que o constituem, fazendo relação entre eles, constituindo um espaço em que as três dimensões se relacionem. Essas três dimensões estão emaranhadas, como "linhas de um novelo", e operam conjuntamente. É preciso desemaranhar as três dimensões do dispositivo, indo-se ao desconhecido e buscando encontrar cada uma delas, pois elas enredam todas as partes e lados do novelo (dispositivo).

Nesse projeto, entendo o cinema como um dispositivo, pois ao produzir formas de subjetivação no sujeito que está ali assistindo ao filme, pode fazer esse sujeito voltar-se para si e a si próprio subjetivar-se. Esses modos de subjetivação operam na dimensão da subjetividade do sujeito e criam novos modos, novos jeitos de constituir-se sujeito e de constituir a surdez e a Libras na contemporaneidade, por meio do dispositivo do cinema.

Além de o dispositivo ser um conceito multilinear que relaciona as dimensões de saber, poder e subjetivação, ele também possui a característica de "*responder a uma urgência*" (FOUCAULT, 1979, p. 138) em um determinado momento histórico. O dispositivo cinema tem nesse projeto o intuito de responder questões aos participantes sobre a surdez e a Libras, assim como o desenvolvimento de suas potencialidades linguísticas para o aprendizado e aprofundamento dessa língua. O dispositivo cinema emerge nesse contexto então, como uma função estratégica dominante a fim de estabelecer outra relação entre os sujeitos participantes e a área da educação de surdos.

### **3 O PROJETO CINELIBRAS: INCURSÕES E DELINEAMENTOS DO PROJETO**

Como dito anteriormente, a proposta do texto é movimentar, problematizar sobre o projeto que vem sendo desenvolvido com seus participantes. Nesse contexto, trarei algumas considerações de como o projeto iniciou e como ele vem se desenvolvendo até o momento.

O objetivo principal do projeto é que por meio de vídeos em Libras como filmes, documentários, etc., seja oportunizado trocas de experiências entre alunos, professores e demais participantes, assim como o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da Libras por meio da conversação e discussões sobre diversos temas da atualidade no contexto da educação de surdos. Nesse sentido, o projeto desenvolve-se com encontros presenciais, uma vez por semana, onde nesses encontros fazemos as sessões de filmes em língua de sinais ou que tratem da temática da surdez.

Os encontros têm duração de aproximadamente três horas, ou seja, em torno de duas horas para assistirmos o filme e mais uma hora de debate e discussões sobre os temas abordados no mesmo. Importante ressaltar que em todos os encontros buscamos desde o início estabelecer a comunicação em Libras, pois o projeto visa o aprofundamento da língua. Claro que em algumas situações recorreremos à língua oral, nossa língua natural, mas o objetivo é praticar a língua de sinais.

O projeto então é dividido em dois momentos: o momento da sessão de cinema, e o momento da discussão sobre a temática abordada no filme. Buscamos sempre trazer um convidado, o qual sua área de atuação tenha relação com o filme, para responder as perguntas dos participantes e contribuir nas discussões em questão. Alguns dos convidados são surdos e outros são ouvintes, mas todos eles estão associados à temática da surdez. Nos momentos de debates e discussões, alguns dos convidados ouvintes não se sentem aptos ou à vontade de conversarem em Libras, e nesses momentos utilizamos o recurso da língua oral.

Atualmente existem vários filmes que tratam da temática da surdez e da língua de sinais e isso tem sido muito importante para a comunidade surda, pois durante muito tempo e em algumas situações até hoje, não tiveram seus direitos garantidos e mais, não eram vistos como iguais perante a sociedade ouvinte. Com as mobilizações, os movimentos e as militâncias surdas cada vez mais fortes, a comunidade surda tem lutado para que haja cada vez mais acessibilidade no cinema, ou seja, para que as salas de cinema tenham também sessões com legendas em filmes nacionais. Atualmente há movimentos em favor da acessibilidade dos surdos às salas de cinema como a campanha "Legenda para Quem não Ouve, mas se Emociona".

Essa campanha teve início no ano de 2004 e tem mobilizado os surdos de todo o país. Os organizadores já produziram um manifesto para a legenda nacional e buscam promover a conscientização para a acessibilidade de surdos em teatros, cinemas e demais espaços. A cada ano a campanha realiza encontros nos principais festivais de cinema e teatro como o Festival de Cinema de Gramado, o Festival de Teatro de Curitiba e o Festival de Cinema do Rio de Janeiro. Percebemos que a luta não é atual, apesar de já terem conseguido alguns avanços como a exibição, no 43º Festival de Gramado, em 2015, de dois longas com audiodescrição e legendas para os filmes "O Tempo e o Vento" e "Tropa de Elite". Mesmo com a conquista da legenda em dois filmes, esse número ainda é pequeno. E mais, os surdos querem e têm direito de ter acesso aos filmes em sua língua, ou seja, o filme traduzido para a Libras.

Mais recentemente os surdos tiveram esse direito atendido, quando em 2015 a produtora O Som da Luz criou o Festival de Cinema Acessível em Porto Alegre. Este contou com a exibição de cinco longas-metragens com a acessibilidade de audiodescrição, legenda e interpretação em Libras. Os cinco filmes acessíveis foram: Saneamento Básico; Dois Filhos de Francisco; O Tempo e o Vento; Tropa de Elite; e O Homem que Copiava. No primeiro semestre de 2016 essas obras foram exibidas nas principais cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul. A equipe do Festival também está indo às escolas a fim de exibir os filmes e possibilitar debates sobre a inclusão e acessibilidade. Agora no segundo semestre o Festival está acontecendo na sua segunda etapa e já possui a parceria de algumas empresas privadas. Nesta etapa estão sendo exibidos três filmes: Se Eu Fosse Você; Tropa de Elite 2; e O Palhaço. Mesmo percebendo um grande avanço no cinema para surdos com essas conquistas é preciso observar que esta é uma luta que já vem de tempos e que necessita de apoiadores, financiadores e pessoal habilitado para o processo de tradução/interpretação das cenas.

Voltando ao projeto CineLibras, este se desenvolve em seis encontros. Em cada encontro um filme ou documentário é apresentado. O primeiro filme escolhido para o encontro é o filme "The Hammer", que retrata a trajetória de um menino que nasceu surdo e que superou vários preconceitos e dificuldades por meio da luta greco-romana até se tornar um lutador de UFC<sup>4</sup>. No

---

<sup>4</sup> UFC é a sigla de Ultimate Fighting Championship, uma organização americana de artes marciais mistas. As lutas deste

filme são abordados assuntos como: preconceito da família e amigos por não conhecerem a cultura e comunidade surda; a luta até hoje vista pelas famílias que desconhecem a Língua de Sinais, em optar que seu filho oralize, buscando uma normalização do sujeito, para que ele se pareça o mais próximo possível com o ouvinte; a experiência visual, marcador cultural surdo que está presente no cotidiano da comunidade surda, etc.

O segundo filme escolhido é "Filhos do Silêncio", que mostra a relação entre um professor ouvinte de língua de sinais e uma ex-aluna que se conhecem na escola em que a moça estudou e agora trabalha. Os dois têm uma relação um pouco conturbada, pois a moça é muito fechada e arredia em função de traumas que sofreu na infância. Com a ajuda do professor, ela começa a abrir-se para o mundo e os dois apaixonam-se. O filme aborda em seu contexto assuntos como: a busca pela oralização, ou seja, a tentativa da sociedade majoritária ouvinte em tornar o surdo um sujeito "normal", um sujeito parecido com o ouvinte; outro tema é que antigamente os surdos eram vistos como incapazes, sem utilidade para a sociedade, e por isso excluídos, ficando às margens da sociedade, sendo úteis muitas vezes apenas para saciar os desejos sexuais daqueles que viam esses sujeitos como desviantes.

O terceiro filme do projeto é o documentário "Sou Surda e Não Sabia" que conta a história de Sandrine, uma moça que por vários anos não sabia que era surda. Surda de nascença, ela é filha de pais ouvintes, e por anos frequentou a escola regular sem entender o que a professora ensinava. Um de seus maiores questionamentos era como as demais crianças compreendiam o que a professora transmitia e ela não; para que as pessoas mexem a boca; o que significa, qual é o sentido do som. Esse documentário trata de assuntos como: a diferente perspectiva de som entre as pessoas surdas e ouvintes; a diferente da língua oral para a língua de sinais; também aborda as diferentes perspectivas sobre o implante coclear e a oralização para crianças surdas.

O quarto filme é "A Família Bélier", uma comédia e drama que conta a história de uma família em que pai, mãe e irmão são surdos, e Paula, a filha que é ouvinte. No filme Paula desde pequena é a porta-voz da família Bélier, ou seja, ela interpreta para seus pais os discursos em diferentes lugares como a feira em que vendem seus queijos, as consultas ao ginecologista para sua

---

campeonato envolvem uma mistura de estilos, como o Jiu Jitsu, Boxe, Wrestling, Muay Thai, Karate e outras.

mãe, a campanha para prefeito, etc. Na escola em que frequenta, ela descobre que possui um dom para o canto e é convidada a ir para Paris, a fim de participar de uma seleção para uma das melhores escolas de canto do país. Isso que gera dilemas entre a menina e sua família. Alguns temas são trazidos no filme como: a situação de um filho ouvinte numa família de surdos; as diferentes experiências e vivências entre uma família surda e uma família ouvinte; o despreparo da sociedade ouvinte para receber e/ou adaptar a música, as palestras e demais acontecimentos aos surdos.

No quinto encontro temos o documentário "Travessia do Silêncio". Este documentário traz depoimentos de vários sujeitos que possuem relação com a comunidade surda. Desde uma filha de surdos que desenvolve seu trabalho como intérprete até situações em que mostra o dia a dia de surdos implantados. Este filme documental aborda diferentes olhares em relação à surdez. Há nele discursos a favor e contra a língua de sinais, as escolhas da família para o futuro do sujeito surdo, a decisão do implante coclear, os relatos de pessoas surdas sobre a experiência com a comunidade e culturas surdas. O documentário busca problematizar o conceito de sujeito surdo na sociedade multifacetada, na contemporaneidade.

No último encontro do projeto é trazido o filme "Mr. Holland - Adorável Professor" que conta a história de um músico profissional que anteriormente trabalhava como maestro nos palcos e abandona sua profissão para dar margem à outra: a de professor. Ele passa a lecionar em uma escola e é tão apaixonado pela música que busca a todo o momento o compromisso com a formação de seus alunos, fazendo dele um professor amado e inesquecível. Mr. Holland ama o que faz, até que seu primeiro filho nasce e ele descobre que o mesmo é surdo. Com isso, o professor enfrenta um grande dilema de como lecionar e ao mesmo tempo ensinar música para o seu filho surdo. Parte daí um novo e desafiador período de adaptação da comunicação entre pai e filho, da língua de sinais, e mais, das estratégias que o pai cria para que seu filho mesmo sem escutar, possa sentir a música, tenha o acesso ao mundo sonoro em que o pai vive.

Durante os seis encontros, podemos trabalhar com vários assuntos, vários contextos e temas que são tão atuais, e que ainda geram desconforto, preconceito e certo desconhecimento por parte de quem não convive com a surdez de perto. Nesse sentido, em cada sessão abre-se a

oportunidade de novos conhecimentos não só teóricos, mas práticos também, a fim de que os participantes possam ser levados a pensar, a questionar, a experimentar o filme e as questões trazidas no mesmo, de modo que ao final de cada encontro, nunca saiam os mesmos.

A experiência aqui é entendida como nos mostra Foucault, como uma *"correlação [...] entre campos de saber, tipos de normalidade e formas de subjetivação"* (2006, p. 193). A experiência então está muito relacionada com o tema dos modos de subjetivação, mas podemos pensar esses modos de subjetivação como sendo frutos, ou constituídos a partir disso. Ou seja, a noção de experiência aqui é entendida como o sair, sair de si e mover-se em direção ao outro, experimentar outro e, nessa experiência não há como sermos outros, ou sermos assujeitados sem que estejamos disponíveis para o sermos. Nessas experiências, o sujeito tem a possibilidades de um novo encontro com ele mesmo, de uma forma diferentemente outra. Essa transformação é possível através das viagens que o filme nos oferece. Nessa viagem é possível uma suspensão e uma projeção do sujeito em relação à outra coisa que faz com que ele possa transformar-se.

#### **4 CONCLUSÕES SEM FIM: O PROJETO EM CONTINUAÇÃO**

A respeito do que foi exposto nos parágrafos acima, a intenção do projeto não é trazer debates binários entre os diferentes modos de ser sujeito surdo no contexto atual, ou se as famílias de surdos têm feitos escolhas boas ou ruins, ou até mesmo dizer que uma cultura surda é melhor que outra, ou que a cultura surda é melhor ou pior que a cultura ouvinte. O que está em jogo a todo o momento no projeto é a busca de tentar levar os participantes a pesar a alteridade, ou seja, o outro que é surdo. É potencializar diferentes formas de pensar a relação do surdo com a sociedade ouvinte, de desmistificar conceitos e verdades absolutas constituídas pelo senso comum, é colocar-se no lugar do outro, na busca de tentar tornar acessível, tanto para ouvintes quanto para surdos, a comunicação.

E quando se fala em comunicação, neste projeto enfoca-se a comunicação em língua de sinais, pois a todo o momento os surdos é que precisam se adaptar ao mundo dos ouvintes. Nesse projeto, a experiência a ser desenvolvida é adentrar no contexto surdo, aprender e desenvolver

uma língua que é diferente, que não é oral como as demais, mas que possui o status de língua, assim como qualquer outra.

Na conclusão de cada período do projeto, espera-se que os participantes tenham ampliado seu vocabulário em Libras, desenvolvendo diálogos contextualizados, criando textos em Libras, e conseguindo uma efetiva comunicação com os surdos. Também se espera que os sujeitos saiam dali com novas concepções a respeito da língua, da cultura surda, pois ensino de Libras exige tanto exercícios de prática (diálogo e apresentação de Libras – frases, histórias ou contações), como de teoria (teoria e conhecimento sobre Libras, cultura surda, comunidade surda, identidades surdas, histórias de surdos e legislação) e de compreensão (vídeo de Libras e sinalização do professor).

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o Contemporâneo?** E outros ensaios. Giorgio Agamben; [tradutor Vinícius Nicastro Honesco]. - Chapecó, SC: Ed. Argos, 2010.

BRASIL. **Lei nº 10436**, de 24 de Abril de 2002: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)> Acesso em: 18 Ago. 2016.

BRASIL. **Decreto nº. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República – Casa Civil, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 18 fev. 2014.

FERREIRA-BRITTO, L. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FISCHER, R. M. B. A Paixão de Trabalhar com FOUCAULT. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos Investigativos I: Novos olhares nas pesquisas em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, p. 39-60.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979/1999.



\_\_\_\_\_. O Cuidado com a Verdade. In: FOUCAULT, M. (Org) **Ditos e Escritos. Ética, Sexualidade, Política.** (Vol. V), Rio de Janeiro, 2. ed. Forense Universitária, 2006, p. 240-251.

GOMES, A. P. G. **O Imperativo da Cultura Surda no Plano Conceitual:** emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria/UFSM - 2011.

HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº. 2, jul/dez., 1997, p. 15-46.

KARNOPP; L.B; KLEIN, M; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Imperativos da Cultura Surda Brasileira. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.) **Cultura Surda na Contemporaneidade:** negociações, intercorrências e provocações. - Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 15 - 28.

LAZZARIN, Luis Fernando . **Problematizações sobre o ensino de Artes Visuais e a Educação Musical.** Revista Digital do LAV, v. 2, 2009, p. 1-17.

PINHEIRO, D. **You Tube como Pedagogia Cultural: espaços de produção, circulação e consumo da cultura surda.** Santa Maria, 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

VEIGA-NETO, A. **Cultura, Culturas e Educação.** Revista Brasileira de Educação. n. 23, p. 5-15, Mai/Jun/Jul/Ago 2003.